



RICHARD RORTY E A FUNÇÃO DA LITERATURA

RICHARD RORTY AND ROLE OF LITERATURE

Ivanaldo Santos¹

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo apresentar de forma resumida e sucinta a proposta desenvolvida por Richard Rorty de a literatura ter a função de ser a nova redenção para o homem ocidental contemporâneo. Com isso, ela substituiria a religião e a filosofia. Para tanto, o estudo foi dividido em duas partes: 1. Richard Rorty e o neopragmatismo; 2. A função da literatura para Richard Rorty. Como referencial teórico, utilizou-se o artigo de Rorty: *O declínio da verdade redentora e a ascensão da cultura literária*. Além desse ensaio, foram utilizados: Rorty (1991a, 1991b, 2005, 1998 e 1995), Carlos (2003), Carvalho Filho (2009) e Medoux (2009). Por fim, afirma-se que, apesar de haver objeções e críticas que podem ser feitas a proposta de Rorty, é preciso perceber que ele realizou uma profunda análise da história do Ocidente nos últimos cinco séculos e, por meio dessa análise, conseguiu propor uma nova função para a literatura no Ocidente.

Palavras-chave: Rorty, literatura e redenção.

ABSTRACT: This study aims to summarize and outline the proposal developed by Richard Rorty about the literature have the role to be the new redemption for the contemporary Western man. Thus, it would replace the religion and philosophy. To this end, the study was divided into two parts: 1. Richard Rorty and the neopragmatism; 2. The function of literature to Richard Rorty. The theoretical foundation was used the article by Rorty: *The decline of redemptive truth and the rise of literary culture*. In addition to essay, they were used: Rorty (1991a, 1991b, 2005, 1998 and 1995), Carlos (2003), Carvalho Filho (2009) and Medoux (2009). Finally, it is stated that in spite of objections and criticisms that can be made to the proposal for Rorty, one must realize that he made a deep analysis of Western history in the last five centuries and, through this analysis, he was able to propose a new role for literature in the West.

Key-words: Rorty, literature and redemption.

1. Richard Rorty e o neopragmatismo

Richard Rorty (1931–2007) é “considerado por muitos como o filósofo mais importante para a cultura da sociedade liberal de nosso tempo” (CARVALHO FILHO, 2009, p. 1). Ele foi um dos maiores expoentes do movimento cultural conhecido como *neopragmatismo*. De acordo com Julienne Angue Medoux, deve-se entender o neopragmatismo como sendo:

¹ Doutor em Estudos da Linguagem pela UFRN. Coordenador do Grupo de Estudos do Discurso (GRED), professor do departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.



[...] uma contra-proposição do racionalismo moderno que sustenta que a ciência fornece uma verdade *objetiva, dura*, a qual destruiria a questão do método, no problema platônico-cartesiano da definição de critérios de julgamento preestabelecidos (MEDOUX, 2009, p. 4, *itálico no original*).

Toda a obra de Richard Rorty está atravessada por uma forte denúncia contra a ideia clássica de Filosofia tal como ela é empregada na tradição realista que vai de Parmênides a Kant, passando por Platão e Descartes. Após essa tradição, a questão da verdade define e funda a ciência. Rorty qualifica esta orientação conceitual de fundacionalista. O fundacionalismo aqui considerado é a doutrina que afirma que a Filosofia é uma disciplina de base que empresta às outras ciências seu método de análise dos problemas cognitivos.

Para ele não há uma ciência que coroa os outros ramos do saber, porque ela estuda os fundamentos do conhecimento, o sujeito pensante, os processos mentais, as representações privilegiadas. “Rorty sublinha a vacuidade da ideia de Filosofia como raiz de todas as ciências. Ele condena igualmente o projeto cartesiano de edificação da ciência sobre a certeza” (MEDOUX, 2009, p. 3). A consequência é que o esquema da racionalidade criado pela Filosofia desde a Grécia antiga exclui alguns domínios do saber do campo da ciência, especificamente a Arte, a Poesia e a Literatura, porque eles não obedeceriam às regras de dedução racionais operatórias nas ciências formais e empíricas.

Por causa disso, ele rejeita a concepção de verdade. Justamente o conceito filosófico que rege o Ocidente desde a Grécia antiga. Para ele “toda verdade é absurda, porque a noção [...] da verdade é absurda” (RORTY, 1990, p. 415) e, por conseguinte, a verdade é um conceito “sem correspondência com a realidade” (RORTY, 1995, p. 17). Por causa dessa rejeição, Rorty defende a tese de que o homem contemporâneo deve buscar a solução dos problemas que lhe angustiam de forma prática, ou seja, sem fazer uso da Filosofia ou de idealismos políticos e religiosos e, ao mesmo tempo, ampliar os espaços de convivência mútua entre culturas diferentes.

A síntese do neopragmatismo defendido por Rorty é a seguinte proposição: “como bons pragmatistas [...] é preciso sermos simplesmente seres felizes e livres, vivendo vidas mais ricas do que a dos habitantes das comunidades humanas anteriores” (2005, p. 89). Para Rorty, se o homem ocidental contemporâneo deseja ser feliz, esse homem deve abandonar toda forma de construção filosófica abstrata e de idealismo político e religioso, e deve se concentrar em ter uma



experiência pautada na prática da vida sócio-econômica e também no aperfeiçoamento material tanto da vida individual como da vida social.

Muitos críticos de Richard Rorty afirmam que o neopragmatismo que ele defende transforma o ser humano em apenas mais uma espécie animal que busca constantemente a sobrevivência física e a reprodução biológica da espécie. Nesse sentido, o neopragmatismo rortiano não seria um movimento cultural que traria novidades, mas apenas uma repetição do materialismo do século XIX.

Não é possível afirmar que Rorty tenha desenvolvido toda uma discussão sobre a Literatura apenas como resposta aos seus críticos. Todavia, o fato é que na década de 1980 e principalmente na de 1990 ele desenvolveu um sofisticado debate sobre o papel da Literatura no Ocidente. Esse debate será apresentado de forma sucinta no próximo tópico.

2. A função da Literatura para Richard Rorty

Richard Rorty não é um pensador alheio à Literatura. Ele teve um grande envolvimento com a Literatura. É possível demonstrar esse envolvimento por dois fatos. Primeiro, após ter ensinado durante quase trinta anos na Universidade de Princeton e na Universidade de Charlottesville, ambas nos EUA, ele passou a ensinar no Departamento de Literatura da Universidade de Stanford (EUA) até sua morte em 2007. Nesse departamento ele se tornou um dos grandes incentivadores da produção literária ocidental contemporânea. Segundo, Rorty desenvolveu uma gigantesca obra de crítica e análise literária. Ele se dedicou a analisar a obra de importantes escritores ocidentais contemporâneos como, por exemplo, Ahmed Salman Rushdie, Vidiadhar Surajprasad Naipaul, Kazuo Ishiguro, Gayatri Chakravorty Spivak e principalmente Milan Kundera, o qual ele vê como tendo produzido uma obra literária que, em grande medida, sintetiza o neopragmatismo (RORTY, 1991a). De acordo com Rorty, essa síntese acontece porque a obra de Milan Kundera é uma “colagem intrinsecamente tecida de narcisismo privado e pragmatismo público” (RORTY, 1991b, p. 204).

Além disso, ele desenvolveu uma tese sobre a função da Literatura na sociedade ocidental contemporânea. Para ele (RORTY, 2006), a Literatura tem a função de *redimir* o homem contemporâneo, ou seja, de transformar o homem em algo melhor do que um simples animal jogado na natureza e também algo melhor do que o homem historicamente tem sido.



A ideia de Rorty é que os últimos cinco séculos (do século XVI ao XX) da história intelectual foram de progresso, a partir da transição da Religião para a Filosofia, realizada no século XVI, e desta para a Literatura, realizada no século XVII. A partir da Renascença, com Cervantes e Shakespeare, a Literatura se tornou o terceiro estágio de esperança em uma redenção para o homem ocidental, depois da esperança depositada, primeiro, na Religião, e, em seguida, na Filosofia. Na Religião, a redenção se alcança pelo contato com uma entidade transumana, criadora e salvadora, ou seja, Deus. Na Filosofia, a redenção vem pela necessidade de adquirir as crenças corretas sobre *como a realidade realmente é*. A Literatura, por sua vez, promove a redenção pelo contato com a maior variedade possível de seres humanos, numa situação em que a ideia de *crença verdadeira* tem pouca importância. A partir da ascensão da cultura literária, Religião e Filosofia passaram a ser vistas como gêneros literários; isto é, como objetos de consumo literário tanto do intelectual como também do grande público. Neste sentido a Filosofia lentamente se transformou em literatura da forma como é afirmado pelo cantor brasileiro Erasmo Carlos, na música *Um homem pra chamar de seu*, a qual diz: “Filosofia é poesia, e o que dizia minha avó” (CARLOS, 2003).

Para Rorty (1988), desde o século XVI, a Religião não consegue mais construir a paz entre os homens e, ao mesmo tempo, dá um sentido à vida humana. Por sua vez, a Filosofia emerge neste período histórico como sendo a substituta da Religião. O problema é que ela também não conseguiu atingir os objetivos da Religião. Desde o século XVIII e culminado com o século XX a Filosofia tem sido substituída pela Ciência, pela Sociologia, pela Economia e por outros saberes que estão preocupados com a vida prática e com o cotidiano humano.

É neste contexto de fracasso e abandono, tanto da Religião como da Filosofia, que Rorty vislumbra a ascensão da Literatura como o novo elemento redentor da vida humana. Rorty (2006) aponta quatro motivos para a Literatura ser a nova redenção para o homem ocidental. Esses quatro motivos serão apresentados de forma sintética.

Primeiro, ao contrário da Religião e da Filosofia, que desejam implantar uma sociedade de homens padronizados e que possuem sempre a mesma forma de pensar, a essência da Literatura é a criatividade e a mudança. Por causa disso, ela é capaz de criar e recriar constantemente cada homem. Em um mundo em que a Literatura é o elemento redentor nunca haverá homens iguais, mas seres criativos capazes de se autocriarem e, por conseguinte, de serem felizes sem a necessidade de um ser superior (Deus, a realidade, a metafísica, etc).



Segundo, ao contrário da Religião e da Filosofia, que ao longo dos séculos mergulharam o homem na guerra, na fome e em outras formas de barbárie, a Literatura é capaz de guiar o homem para buscar formas de “resolução de conflitos” (RORTY, 1990, p. 350). A Literatura em si não pode acabar ou resolver os conflitos humanos, mas ela é capaz de guiar o homem a buscar um “futuro melhor” (MEDOUX, 2009, p. 7) dentro da própria realidade social e individual e não em outro mundo – um mundo imaginário e inexistente – como o paraíso pregado pelas religiões ou a realidade que a Filosofia deseja decifrar.

Terceiro, a Literatura é capaz de constantemente conduzir o homem ao mundo do mágico e da imaginação. Ela não deseja criar um mundo fixo e imóvel da forma como foi anunciado pelos filósofos gregos nos séculos VI e V a.D. e depois pregado pela Religião durante toda a história do Ocidente até o século XVII. Pelo contrário, a Literatura deseja a transformação, a mudança e tudo que é instável. Somente com a instabilidade o homem poderá ter a criatividade necessária para superar os problemas do presente e ter um futuro materialmente melhor.

Quarto, a literatura é um componente humano que nasce e se transforma a partir da vida prática. Para Rorty, apenas a vida prática transforma o homem. Qualquer utopia puramente teórica (religião, filosofia, política, etc.) tem como missão aprisionar o homem em uma vida medíocre e, por conseguinte, impedir a felicidade material. Ao contrário da utopia puramente teórica, a vida prática é criativa, desafiante, e, por isso, conduz o ser humano a experimentar formas de vida e de felicidade que antes não tinha experimentado. Nesse contexto, a Literatura faz parte da vida prática e material.

Apesar da proposta rortyana, ou seja, de a Literatura ter a função de ser a nova redenção humana – proposta que fez e faz grande sucesso em círculos de intelectuais na Europa e nos EUA – é possível realizar quatro objeções a essa proposta.

Primeira, em grande medida a proposta de Rorty é destinada a uma elite econômica e intelectual que há muito tempo abandonou a Religião e a Filosofia. Uma elite que se não é atéia totalmente, pelo menos possui grandes traços de secularismo e de agnosticismo. Por causa disso, essa elite vive um grande vazio existencial que, em parte, é preenchido com festas, consumo, viagens turísticas e outros prazeres da vida material contemporânea. Neste contexto, a Literatura seria mais um elemento para amenizar esse vazio. Ela não teria o poder de redimir o homem contemporâneo, mas apenas de fazê-lo esquecer, por alguns instantes, a grande solidão existencial sentida por ele.



Segunda, Rorty afirma que na sociedade contemporânea a função da Literatura é ser a nova redenção, substituindo a Religião e a Filosofia. Entretanto, quem garante que a Literatura não se tornará a nova religião ou a nova filosofia? O próprio Rorty não apresenta nenhum critério que possa garantir, de forma mínima, que a Literatura não será ou não se tornou uma religião e/ou uma expressão da Filosofia. É necessário frisar que historicamente o homem é um ser de crença. Alguns indivíduos ou grupos sociais podem até não acreditar no poder redentor da Religião e da Filosofia, mas terminam acreditando no poder redentor da Ciência, da Técnica, da Literatura e até mesmo de algum tipo de esporte. Afirmar que a Literatura tem a função de redimir o homem contemporâneo, como faz Rorty, é afirmar que a Literatura ganhou um *status* compatível com a Religião e a Filosofia.

Terceira, a proposta rortyana da Literatura como redenção é voltada para o homem contemporâneo. O problema é que a Literatura não é o centro da sociedade contemporânea. Ela é algo periférico que pouco aparece na vida social e individual. Em grande medida, o homem contemporâneo está preocupado em resolver problemas materiais (carreira profissional, consumo, viagens, etc) e não encontra tempo para voltar-se para a dimensão imaginária existente na Literatura. Além disso, esse mesmo homem encontra na TV e no cinema elementos mágicos e hipnóticos que o ajudam a superar os traumas e transtornos do cotidiano. Nesse contexto, não há muito espaço para a Literatura. Infelizmente a Literatura continua sendo um elemento periférico e até mesmo marginal para a cultura ocidental.

Quarta, a perspectiva de Rorty e a do fracasso e da superação tanto da Religião como também da Filosofia. É nessa perspectiva que a Literatura emerge como sendo a nova redenção do homem ocidental. O problema é que, em grande medida, a proposta rortyana é voltada para uma elite de intelectuais. Grande parte da população do Ocidente continua diretamente ligada a alguma crença religiosa e/ou filosófica. As classes sociais mais elementares dentro da hierarquia social, especialmente as classes C e D, e grandes segmentos da classe média possuem uma vivência religiosa e/ou filosófica. Para esses setores da vida social, a Literatura não possui poder de redenção. A redenção ainda é encontrada na divindade ou então nas categorias filosóficas, tais como: a realidade, o conhecimento e a estética.

3. Considerações finais



Richard Rorty foi um dos grandes pensadores do século XX. Ele defendeu que a realização pessoal e a felicidade residem no aperfeiçoamento da vida material. Todavia, para que o ser humano não seja uma espécie puramente material, ele defende a tese que a Literatura, a partir do século XX, tornou-se a nova redenção humana. Por meio da Literatura, o homem contemporâneo encontrará a experiência do sublime, da criatividade e do imaginário que tanto a Religião como a Filosofia não podem mais fornecer.

Por fim, é preciso afirmar que apesar de haver objeções e críticas que podem ser feitas à proposta de Rorty - de a Literatura ser a nova redenção do homem ocidental - é preciso perceber que ele realizou uma profunda análise da história do Ocidente nos últimos cinco séculos e, por meio dessa análise, conseguiu propor uma nova função para a Literatura no Ocidente, ou seja, ela ser a substituta tanto da Religião como também da Filosofia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLOS, Erasmo. Um homem pra chamar de seu. IN: **Os grandes sucessos de Erasmo Carlos**. Mídia Cd. São Paulo: Universal, 2003.

CARVALHO FILHO, Aldir. Sensibilidade, solidariedade, autocriação privada. Rorty e a literatura. IN: **Redescrições**, Ano 1, N. 3, 2009, p. 1-9.

MEDOUX, Julienne Angue. Richard Rorty: um pragmatismo iconoclasta. IN: **Redescrições**, Ano 1, N. 3, 2009, p. 1-10.

RORTY, Richard. Heidegger, Kundera and Dickens. IN: **Essays on Heidegger and others**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991a.

_____. **Objectivity, relativism and truth**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991b.

_____. **Pragmatismo e política**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A filosofia e o espelho da natureza**. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

_____. **L'espoir au lieu du savoir**. Paris: Editions Albin Michel, 1995.

Rorty, Richard. **L'homme spéculaire**, Paris: Editions du Seuil, 1990.

_____. O declínio da verdade redentora e a ascensão da cultura literária. IN: RORTY, R.; GHIRALDELLI JR., P. **Ensaio pragmatistas sobre subjetividade e verdade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 75-104.

